

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Anunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

NOTAS LIGEIRAS

DEPUTADOS EM GRÈVE?

Estamos já tão descrente da acção dos nossos politicos que não nos alvoroçou, não nos despertou sequer o mais ligeiro interesse, a noticia, lida vagamente nos jornaes, de que as côrtes abririam na ultima quinta feira.

Recebemo-la com inteira indifferença, certamente porque se apoderára do nosso espirito a convicção de que nada de novo se iria passar: assistiriamos apenas á repetição das scenas mais applaudidas da tragi-comedia que, ha annos, se vem desempenhando em S. Bento.

Porém um aspecto imprevisito se nos apresenta e desperta a nossa curiosidade. Descortinamo-lo, atravez do eloquente laconismo da seguinte informação que recortamos do *Primeiro de Janeiro*:

Lisboa, 4 — Não houve hoje sessão, por falta de numero, na camara dos deputados. A proxima sessão fica marcada para amanhã.

Ora ali está uma bella solução para todos os males nacionaes: a grève dos illustres... paes da patria.

Já de tudo temos experimentado, sem remedio. Venha lá então, como ultimo recurso, e talvez o unico redemptor, a grève que parece andar a preparar-se.

O paiz está realmente farto de rethorica e de... mandar concertar carteiras.

INCOHERENCIA?

Trouxe-nos, ha dias, o correo o seguinte bilhete postal:

... Sr.:

Li o seu artigo sobre a *Alma Nacional*, de Antonio José d'Almeida, em que você faz referencias á orientação do partido republicano, condemnando-a em grande parte, e tenho seguido a sua campanha contra o *Povo d'Aveiro*. E, francamente, devo declarar-lhe que não comprehendo porque, não estando v. filiado naquelle partido, nem, embora independente, applauda a sua orientação, procure inutilisar a obra do *Povo d'Aveiro* que, sendo de ataque implacavel aos que trabalham pela republica, deveria merecer-lhe especial sympathia.

Muito desejaria que v. me ex-

plicasse o que julgo da sua parte uma incoherencia, e confessando-me, desde já, muito grato, subscrevo-me

De V., etc.,
A. R.

Lisboa,
1-3-910

Poderiamos dispensar-nos da resposta, porque ella deprehen-de-se claramente de muitas das nossas affirmações.

Mas vá lá...

Não estamos no partido republicano, nem em nenhum dos partidos monarchicos, por varias razões, entre as quaes, esta: o partidarismo, como se comprehende e pratica entre nós, obriga a elogiar ou a censurar sempre, invariavelmente: elogiar os correlligionarios e censurar os de partido contrario.

Ora, o nosso espirito é independente de mais, para poder conter-se nessa formula inflexivel.

Assim... explicado está porque, não concordando inteiramente com a orientação do partido republicano, a condemnamos sempre que é preciso, e discordando absolutamente dos processos adoptados pelo *Povo d'Aveiro* na sua phase actual, não nos cançamos de combatê-los.

Depois d'isto, ainda nos julgará incoherente o sr. A. R.?

Se julgar, que havemos nós de fazer-lhe...

SCIENCIA & LITTERATURA

TRINDADE COELHO

A proposito do seu volume de Cartas

A mim... — a mim reputo-me um pobre filho do povo, que por acaso veio dar cá cima, e que, não podendo voltar á terra d'onde brotou — oh! jámais! — tem d'ella infinitas saudades (que quasi nem sequer são feitas de lembranças, tão cedo eua abandonou!) e está attonito do que vê cá cima... — e lá baixo.

Quando chegará, minha boa amiga, o «reino de Deus»?!

[Da Autobiographia].

Acabo de fechar sobre a ultima pagina as *Cartas* de Trindade Coelho. E poucas vezes um livro me deu uma emoção tão profunda de incanto. E rarissimas vezes um livro tão profundamente me commoveu e abalou.

Por um magnifico condão, que constituia o seu maximo segredo de artista, a prosa de Trindade Coelho, como nenhuma outra prosa em linguagem que eu conheça, era uma prosa verbal. Quer dizer: nunca um escriptor conseguiu, como este admiravel poeta, communicar ás letras cala-

das e immoveis o calor e o movimento da voz que falla.

Assim, foi verdadeiramente uma grande conversa, uma saudosissima e viva conversa, que eu tive com este alto e bendito espirito. E, por vezes, a illusão foi tão acabada, o sortilegio foi tão perfeito, que as linhas tipographadas não eram mais que inicial pretexto de ouvir a sua voz para sempre extinta, e comtudo, nestas paginas falante; voz de sino grande com seu timbre sonoro de bordão, nascida do peito vasto e toda cantante de sinceridade!

Ah! e como é cruel a evocação dessa voz tão bella, cuja inflexão, como a das vozes do soneto de Verlaine, é a d'aquellas que para sempre se calaram! E ao som da voz do nosso querido Trindade Coelho, os seus amigos revivem a graça inolvidavel da amizade d'este homem em tudo singular, d'este grande camarada e mestre, sempre prompto a admirar, a amar, a ensinar, a applaudir. Revivem, sim, os que o amaram tambem — e esses são todos que puderam ver a sua alma — a profunda, quasi magica incantação que era a sua amizade — uma amizade como nenhuma outra ainda conheci, que ajudava a ser fortes os homens que se honravam com ella, uma amizade fraternal de condiscipulo, que tinha ao mesmo tempo requintes de delicadeza extremada, tão subtil como se fôra de mulher, e era, sobretudo alegre de alegria sã, de alegria honrada. Ao som d'essa voz inesquecivel, que ficou como um hymno e um conselho nos ouvidos que a escutaram, vemos erguer-se umas das almas supremas que esta terra desventurada tem deitado. Alma de poeta e de justo, alma de homem, no sentido divino de esta palavra triste... Mas, para a illusão sortilega que esta prosa verbal nos prepara, não concorre apenas a dizente construcção de estes periodos, muito mais fallados, repito, do que escriptos. Acresce ainda a valia moral das palavras que essa voz nos conta, nos segreda ou ruidosamente nos diz; acresce a qualidade das emoções em que ella se imbebe.

Nesta notabilissima colecção de *Cartas*, que o amor de um filho ergueu, como o mais desejavel dos monumentos, á memoria sagrada de seu Pai, Trindade Coelho vive todo, com todas as suas adoraveis qualidades e com todos os seus nobres defeitos, que eram, apenas, como é de uso nos homens superiores, a ampliação de aquellas. Ali nos internec o homem de lar, o marido e o pai dedicadissimo, o jovial e estoico inquilino de um quarto andar «que fica III de-graus acima do nivel da rua», onde elle vive para sua Mulher «em quem reencontrou sua mãe» e que «é doida pelo filho, que não quer a este mais do que a elle, — e aos quaes elle quer mais que a si proprio!» Ali dá seus exemplos, para honra da magistratura portugueza, o funcionario que pôde, ainda por obra do seu temperamento eminentemente estético, transportar para as salas geladas dos nossos atrasadissimos tribunaes a frescura do seu sentimento de poeta, pronto sempre a comprometer-se

pela verdade, a enrouquecer pela Justiça, sem que o atinja a indifferença profissional, no meio da qual elle vive, quer esta pertença a velhos juizes incanecidos de septicismo, ou a moços bachareis prontos a incanecer; e dando a todos elles a lição prodigiosa da sua coragem, da sua isenção e da sua bella humanidade.

Nestas paginas de prosa suprema, de uma ligeireza que sorri de todos os empastes, e que apreende todos os rithmos, numa prosa que, como nos *Meus Amores*, tem todavia o ar de não suspeitar sequer do requinte artistico que incerra, da perfeição plastica que realisa, — nestas paginas revive tambem o poeta, que sentiu, como nenhum outro em Portugal, esse assumpto perturbante e aliciador, de quem nós todos baldadamente nos enamorámos — o Povo — e elle soube dar-nos sem convenção litterata nem bastidor pintado, mas pondo-lhe na alma os sentires com que elle vibra e na bocca as palavras que elle diz. Nessas *Cartas*, que é impossivel ler, sem que se chore como eu chorei, sorri contente e entusiasta o nobre camarada, o amigo incantador, que dá a mão robusta aos que começam, que applaude com palavras, quantas vezes santamente exageradas, os que já vêm a caminho, e a todos aberta de encontro ao largo peito leal onde se fabrica aquella voz que não pode mentir, esse peito onde «do lado direito elle não quer bolso, com medo que o metal lho arrefeça». Ali sentimos bater, com pulsação ardente, esse coração, que foi o de um apostolo, sendo o de um educador que produziu alguns dos mais uteis e sinceros livros de ensino e propaganda, e espalhou, com sacrificio risonhamente cumprido, essa chuva benefica de folhetos para o povo, fallados numa linguagem que essa desgraçada e velha criança intendia, e pelas quaes o candido e bravo trabalhador lhe abria os olhos enevoados de tantas lastimas, e o precavia contra o que o tolhe.

E o homem de lar, o magistrado, o escriptor, o educador, o camarada, o amigo, todos se fundiam, por maravilha de equilibrio espiritual, num homem a valer, num homem de honra, que era, em assumptos de caracter, immaculado e puro, e que podia atravessar a *Baixa*, impetada de snobismo e de sceptico escalracho, ao vir da Bôa-Hora, a passo largo e de cabeça alta, com a *allure* de um San Jorge de Donatello entre *mignons* de côrte efeminados!

Meu Deus! e ha-de a gente lembrar-se que esta força viva, que este homem ainda moço e cheio de futuro, se anulou disparando uma bala no peito!...

Perante factos como este, a nossa estupefacção é a unica desculpa da nossa covardia.

Estupefactos, tambem, e nobilissimas de coragem moral e espirital isenção, são as palavras que a muito illustre senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos escreveu como prefacio ao livro de *Cartas* de Trindade Coelho, e ficarão para os nossos corações como as paginas mais bellas que sobre o querido morto se têm escri-

to. Estupefactos, pois, estão ainda as nossas almas diante de esta desgraça irremediavel, com que Portugal ficou mais pobre. E a gente treme e impalidece, ao pensar que, um dia, aos netos dos que hoje vivem, os homens de então perguntarão decerto, tomando-nos a nós severissimas contas: — por que se matou Trindade Coelho?

Affonso Lopes Vieira.

(D'A Lucta)

O que é o "Povo d'Aveiro"

V

Deixámos provado no ultimo artigo que o *Povo d'Aveiro* desce a aproveitar o infame expediente da calumnia, para realizar o unico fim que actualmente o preoccupa: inutilisar, não só politicamente, mas até pessoalmente, os homens que combatem pela implantação da republica em Portugal.

Das affirmações feitas resta-nos provar uma: a de que republicano portuguez é, para o *Povo d'Aveiro*, synonymo de ladrão, assassino, idiota — de tudo que significa inferioridade moral e mental.

As provas são innumeradas. Muitas apparecerão na sequencia d'estes artigos. Mas algumas apresentaremos, desde já.

Póde dizer-se que pegámos ao acaso num dos poucos numeros d'aquelle jornal que temos presentes.

E' o de 17 de outubro do anno findo, onde se lê sob a epigraphe *A grande quadrilha*:

«Vejam os leitores o que ahi vae (refere-se a uma carta que diz ter recebido de dois portuguezes residentes no Brazil sobre o sr. Cunha e Costa) e continuem a fazer o seu juizo sobre a grande quadrilha republicana. Mas sejam justos. Acima de tudo, verdade e justiça. Não chamem tratante ao Cunha e Costa para chamarem immaculado ao Bernardino Machado e homem de honra ao Camacho, ao Duarte Leite, ao Basilio Telles, ao João de Menezes. Verdade, acima de tudo; justiça acima de tudo: tratantes todos. Todos!»

Ora, façamos meia duzia de considerações a proposito do que fica transcripto.

E' uma affirmação predilecta do *Povo d'Aveiro*, esta — de que nunca elogiou ninguem incondicionalmente, nem exaggeradamente

Vamos ao primeiro ponto — e vamos a elle com vontade, porque temos empenho, interesse, mesmo necessidade, de mostrar que... sabemos o que quer dizer a palavra incondicionalmente.

Remontemos a 1902 e toca a ler no *Povo d'Aveiro* publicado em 2 de novembro d'este anno:

«O meu presado amigo Basilio Telles, um homem, e nesta simples palavra deixo eu consignada toda a minha admiração e estima que elle me mereceu, que sempre me mereceu, e que ha-de merecer-me até á morte...»

Não representará isto um elogio incondicional ás qualidades de intelligencia e de caracter do sr. Basilio Telles?

Mas cedamos até onde fôr possível.

Talvez o *Povo d'Aveiro* haja sido determinado na sua admiração até... á morte, apenas pelo caracter moral do illustre republicano.

Havia-lhe este dado provas de tão perfeita honestidade que nunca suppoz realizavel a hypothese de elle transformar-se num... tratante.

Mas supponhamos que a hypothese se realisou. Um facto imprevisito justifica que o *Povo d'Aveiro* haja deixado de admirar o sr. Basilio Telles, mesmo... antes de morrer.

Poderia isto dar-se. Embora excepcionalmente, mas poderia dar-se. Excepcionalmente, dizemos, porque, para fazer-se a affirmação de que ha-de admirar-se alguém até á morte, é preciso estar absolutamente convencido da sua honestidade. E esta convicção só resulta duma convivencia demorada e intima, que dará a perceber os mais particulares detalhes do caracter.

O homem que num dado momento se revela criminoso, ou é provocado dominadoramente por um causa externa—e então a sua responsabilidade é nulla, não tendo ninguém o direito de condemnalo ou censura-lo—ou aquella vae despertar apenas tendencias do seu temperamento que deveriam necessariamente ter dado á sua vida anterior uma feição particular, que não passaria despercebida a quem a observasse de perto.

Em conclusão: o *Povo d'Aveiro*, dizendo que havia de admirar o sr. Basilio Telles até á morte, fez uma affirmação incondicional. Nunca a deveria ter feito. Quiz ser infallivel, mas, como simples mortal, enganou-se, se porventura traduz a verdade o que acima transcrevemos do seu numero de 17 de outubro de 1909.

Mas o *Povo d'Aveiro*, em tempos que já lá vão, não se manifestou apenas admirador do caracter moral d'alguns homens do partido republicano, mas tambem do seu valor mental.

Ora vejamos o n.º 924, de 21 de dezembro de 1901, onde a proposito da defeza—a que chama *brilhantissima*—feita pelo sr. dr. Affonso Costa do supposto assassino de Francisco Agra, diz:

«Todos são unanimes em tecer os mais levantados elogios ao talentoso advogado e distincto lente de-Direito.»

E no n.º 978, de 11 de janeiro de 1903:

«O sr. Affonso Costa tem talento; ninguém lh'o nega.»

Mas em breve muda de opinião. Ora voltemos a folha, e copiemos do n.º 981:

«O talento é uma coisa mais alta e mais ampla, e isso é que o sr. Affonso Costa não possui.»

Mais um bocadinho.

Pedrinho

(CONTINUAÇÃO)

—O' Margarida!... Margarida! Porque penso eu assim em ti, rainha duma noite? Que ha em ti de maior e mais poetico do que nas outras mulheres, para que a tua imagem ficasse gravada na minha alma e o teu nome resdoe ainda no meu ouvido! Poderás ao mundo parecer má ou vulgar, mas a minha alma adivinha-te, a minha alma que não se illude! e bem sinto que não és similhante ás outras, tu que nasceste de um sopro de poesia!...

—Ha duas recitas, que não vejo

Do n.º 1056, de 10 de julho de 1904:

«Este eminente e notabilissimo professor e publicista (Bernardino Machado) veio prestar ao partido republicano o alto serviço de o *accordar*, com toda a auctoridade e prestigio do seu nome.»

Do n.º 1071, de 23 de outubro de 1904:

«Sentimos pelo alto caracter e robusto talento do sr. Bernardino Machado a maior admiração. Liga-nos a sua Ex.ª uma sincera, uma verdadeira estima.»

Agora... o reverso da medalha.

Do n.º 1211, de 7 de julho de 1907:

«Bernardino Machado é um pateta. Toda a gente o sabe.»

Ora... onde está a verdade?

Admirar um homem pelo seu valor intellectual, pelo seu caracter moral, quer dizer—aceitar sempre a sua opinião, não discordar nunca da sua maneira de proceder?

De modo nenhum. Mas accentuemos: póde admirar-se incondicionalmente um homem, pelo seu talento, sem abdicar do direito de discutir as suas opiniões.

Admirar incondicionalmente não quer dizer applaudir invariavelmente.

Mas teremos occasião de voltar a este ponto—porque muitas provas ainda restam da nossa affirmação inicial.

Passemos, por agora, a outro, aliás intimamente ligado com este. Affirma o *Povo d'Aveiro*, a cada passo, que nunca elogiou ninguém *exaggeradamente*. E' mais um titulo com que pretende justificar as suas aspirações a... unico jornalista honesto neste paiz.

Ora toca a desmascara-lo com a sua propria prosa.

No n.º 1329, de 10 de outubro de 1909, tratando do sr. Dantas Baracho e, fallando dos discursos que este lhe offereceu, diz:

«Ainda assim, passado tempo, em 19 de outubro de 1904, referimo-nos a esses discursos em um artigo no geral favoravel ao homem... Dando-lhe uma no cravo e outra na ferradura, como costumavamos fazer ao Bombardino Rachado, ainha lhe fizemos fartos elogios, muitos mais do que elle merecia.»

Mentiu á sua consciencia e tem a audacia de declara-lo. Não reconhece que errou. Seria um acto sympathico. Confessa, sem vergonha, que inconscientemente teceu a alguém, muitos mais elogios do que era de justiça.

E não se cança de afirmar que nunca louvou ninguém nem incondicionalmente nem... exaggeradamente. Disse-o ainda ha bem pouco tempo, a 3 de outubro de 1909.

E quem o acreditará? Muita gente—e acredita-o invariavelmente.

O *Povo d'Aveiro* não tem apenas leitores. Conta tambem numerosos devotos.

o pequeno! disse d'alli a tempo Candida a Margarida, durante um intervalo em que espreitavam pelo oculo do pano de bocca. Morreria acaso, por haver aturado a magica oito noites, acompanhado pelo creado?

Candida e Margarida, eram duas actrizes que se estimavam muito, mas que disputavam sempre uma á outra os melhores papeis e os melhores amantes. Com ambas as coisas, porém, era Candida infeliz. Uma natureza triste e inquieta, um temperamento desconfiado e nervoso, originavam n'esta pobre rapariga a amargura perpetua que suscitam os revezes da fortuna e os pesares do coração.

Em quanto a Margarida, era

Desgraçado symptoma, este, que póde resumir-se como fez, ha dias, um illustre professor, n'estas palavras:

Emquanto houver quem leia o *Povo d'Aveiro* e o *Democrata*, Portugal não póde salvar-se.

Fallas do coração

III

Um dia—nem eu sei porquê—comecei a entristecer. Abatido do corpo, a definhar cada vez mais, e o espirito preso d'uma ideia fica, absorvente, depressa comecei a sentir horror á vida.

Uma coisa apenas me dava uma vaga consolação: encontrar-me sózinho, absolutamente isolado, porque o meu supremo martyrio era ouvir alguém fallar, sorrir, cantar—manifestar, de qualquer modo, aquelle estado d'alma, sereno e alegre, que eu ha muito deixára de experimentar e jámais experimentaria.

A vida, para mim, era—a dor constante. Lia Schopenhauer e convencia-me que só elle descobrira a verdade.

Se me vinham á lembrança aquelles tempos distantes em que me julgara feliz e procurava recolher-me nessa invocação que deveria ser saudosa, mas consoladora, sentia-me indignado, porque a natureza me havia illudido, enchendo-me o coração de esperanças irrealisaveis.

Dias e dias eu passei absorvido pela aniquiladora ideia de que a minha dor era apenas o quinhão que me coubera d'aquella dor immensa, eterna, que affectava a humanidade inteira.

Todos soffriam, porque só o soffrimento tinha existencia real.

Prazer, alegria, o bem, a belleza, o amor, tudo isso eram negações com que a natureza nos procurava seduzir.

E então, nesses dolorosissimos momentos, d'um tão profundo abatimento moral, que ainda hoje não sei explicar como lhes resisti, uma unica solução apparecia ao meu espirito, redemptora e purificadora: a extincção da humanidade.

De repente, opera-se uma estranha transformação na minha maneira de ser: começo a amar intensamente a vida, a entristecer apenas por ella passar depressa, a desejar vivê-la eternamente.

No meu coração reffloria o amor, á palavra magica d'uma Mulher soberanamente formosa do corpo e da alma.

Ambos á busca da ventura, corremos um para o outro, levados por uma força mysteriosa e irresistivel, a unirmos os nossos destinos—e uma suprema aspiração cons-

uma creatura bem alheia ao que os quinze annos do meu heroe a figuravam. Tinha uma voz falsa, que disfarçava no calor da dicção; tirava ás vezes partido de um gesto, de uma inflexão, de um olhar, mas exaggerava sempre o olhar, a inflexão, e o gesto: ardente, sincera, excentrica, havia momentos todavia em que o seu enthusiasmo a salvava, e em que ella tinha lagrimas na voz, lagrimas nos olhos, lagrimas no coração.

Disseram-me que o seu nome é Pedro; Pedrinho, lhe chamam: ácha-lo bonito? perguntou Margarida a Candida.

—Se tem um defeito, é se-lo de mais.

—Rico?

titue, desde esse momento, a nossa vida: vêr felizes os que soffrem.

Pela realisação d'esse ideal trabalhamos constantemente, repartindo com os outros do nosso amor, que nunca se extingue, antes parece cada vez maior.

O amor é a unica verdade, só elle póde tornar a vida bella—sinto eu, agora, profundamente. E, quando penso que foi uma Mulher que me illuminou o caminho por que sigo, a minha alma ajoelha e reza, cheia de adoração pela obra mais perfeita da Natureza.

A. E.

GAZETILHA

Entre as lembranças saudosas Dos meus tempos de rapaz Umás ha, tão vigorosas Que o tempo não é capaz D'acabar-lhes com a raça Por mais esforços que faça.

Dois velhinhos, pois, ó gente, Serão hoje aqui lembrados Que me deixaram na mente Os seus perfis bem marcados. D'outros mais hei-de fallar. Se houver saude e vagar.

Pobre sim, mas prazenteiro, Um delles vejo passar, O ti? Manel Requeixeiro De tamancos a arrastar, De colher de cal, serrote, Formão, martello e barrote.

Muito buraco tapou Nas vossas casas, meninas, E de certo não levou Duas lagrimas pequeninas Cahidas de compaixão A perolar-lhe o caixão.

Typo de lord... em miseria, Muito limpinho, engraixado, Em tudo pessoa séria, De collarinho gommado Que lhe sahía chibante Em bicos cá p'ra diante,

Era de certo o primeiro Entre ajudantes de missa O Sebastião Albardeiro Prompto sempre nesta liça. Era acolito já certo Do padre João Alherito

Que lhes conte quem souber O que duma vez se deu Por elle não responder Logo a tempo ao prior seu. O pobre Sebastião Era surdo que mais não!

Ao vêr que a missa seguia Muito mais adiantada Do que elle o presumia, As respostas d'assentada Enfiou, em latim rude, Não perdesse ella a virtude!

Hoje por aqui me fico Que não m'acho pr'a aturar O raio do mafarrico Do Alfredo, que vem buscar Esta gazetilha em que eu Não pensára, ó Deus do Ceu!

5-3-910.

EL-VIDALONGA.

A outra encolheu os hombros. —Se tem outro defeito, proseguiu Margarida, rindo, é talvez se-lo... de menos!

—Quêre-lo? perguntou Candida. —Para qual de nós olha?

—Para ambas. —Não!

—Gostas tu d'elle? —Mais que de mim.

—E se eu gostar tambem? —E' mais uma coisa em que me contrarias.

—Bem! retrucou Margarida, depois de seismar um instante. Decidirei amanhã.

—No ensaio? —Na recita, á noite. —E se não o quizeres? —Dou-to.

AS MINHAS CARTAS

II

Ha dias, recolhi-me ás onze e meia da noite. Fazia uma aragem causticante como a navalha d'um barbeiro fraco.

De ordinario, a *Invicta*, a esta hora, dorme a somno largo. Poucos transeuntos se vê na rua, além de caras duvidosas e infelizes.

Apenas junto dos theatros e nos logares de reunião se ouve apregoar jornaes e se vê meia duzia de janotas, cuja vida nem sempre é conhecida.

Como disse, entrei em casa ás onze e meia.

Só me recorde de encontrar um garotito na rua, sentado na soleira d'uma porta, que me pediu esmola, ao passar. E de tal modo a pediu, aquella creança esfarrapada e descalça, que eu parei.

Impressionou-me a sua voz debil e dolorida.

—Vae p'ra tua mãe, menino—lhe disse.

—Não sei della.

—E o teu pae?

—Não tenho pae.

Ver a infancia assim, ao abandono e ouvir-lhe a tenra voz, repassada de tristeza, compunge sempre, ainda os menos sensiveis. O pequeno não foi p'ra casa. Que ia comprar um *mollete*... e citou uma padaria.

Continuei o meu caminho, a pensar no destino d'essas creanças lançadas á margem que poucas attentões recebem da sociedade.

A humanidade é cruel! Contudo, parece impossivel que haja mãe de coração tão desapiedado que despreze o que na terra lhe deve ser mais caro—o filho.

Quiz que o meu espirito procurasse a causa d'esta repulsa maternal. Pensei, e só a pude encontrar na falsa educação que vem sendo ministrada ao povo.

No lar da maior parte das familias, em vez de bons principios de moral e d'um respeito mutuo, a creança tem uma escola de maledicencia e de desmoralisação.

Esta creança, quando adulto, é um ser perigoso em quem se extinguio o sentimento da dignidade ou jaz profundamente adormecido.

A familia não lhe merece consideração. D'ella não acceta reprehensões. Impõe-lh'as? Abandona-a ou, melhor, abandonam-se, reciprocamente.

E eis, em plena liberdade, um grande numero de individuos, d'ambos os sexos, lançados na voragem do Vicio, a perderem as ultimas parcelas de vergonha que, por ventura, ainda tinham.

Impellidos pela materia preparam, sem nenhum outro sentimento, o berço d'esses infelizes que se se encontram a pedir nas primeiras edades—primeiro grau da miseria social—e, subindo a pouco e pouco até attingir o maximo grau da escala, apparecem depois, ora nas ruas escusas, ora na encruzilhada d'um caminho.

Depois d'isto conclui que não é a falta de effluvios d'amor, no coração da mãe, que lança ao desprezo uma multidão de desgraçados—é a educação, destituida de dignidade, de respeito e de moral. E para

—Guarda-o já! redarguiu Candida. Nem eu o quereria agora!

—Espera! disse Margarida, encontrando com a vista um copo de dados, que tinha de figurar na peça. Tiremos á sorte qual de nós o ha de ter! Impar por mim. Atira!

A outra chocalhou o copo: os dados marcaram onze.

—Impar, ganhei! O pequeno é meu! exclamou Margarida entre gargalhadas.

—Pobre creança! redarguiu Candida. Sabes que é horrivel, haver-mo-lo jogado aos dados?

Passaram dias. Depois de mil diligencias timidas para chegar até Margarida, Pedrinho conseguiu ser-lhe apresentado numa ceia. A actriz n'esse dia fazia annos, o que lhe

tornar o mal ainda maior, os governos não querem saber dos filhos abandonados. Em vez de os levar para uma casa de correcção, onde se regenerassem, deixa-os vagar á redea solta, a aprenderem a ser miseráveis mais depressa e fazerem a sociedade mais miserável.

Paulo Stacio.

NOTICIARIO

Pela imprensa—Temos presente o primeiro numero do *Noticias de Cantanhede*, folha semanal que principiou a publicar-se no dia 27 do mez passado.

Entre os varios motivos que determinam a nossa mais viva sympathia pelo novo collega, este se destaca: é contar no numero dos seus redactores o nosso querido amigo Dr. Mario de Vasconcellos que tem honrado muitas vezes as modestas columnas d'este semanario.

Creia o *Noticias de Cantanhede*: estamos a sentir já uma pontinha de ciúme, pois reaceamos que o Dr. Mario se esqueça do *Correio do Vouga* onde, aliás, fez a sua estreia que não deveremos chamar apenas... auspiciosa, porque logo revelou um grande talento, servido por esplendidas faculdades de observador e critico.

O *Noticias de Cantanhede* afirma que está livre de compromissos politicos, tendo apenas por fim advogar, com independencia, causas justas e nobres, applaudindo ou censurando, conforme a verdade exigir.

E' tambem este o nosso programma—que temos cumprido. Ardentemente desejamos que o *Noticias de Cantanhede* possa dizer, um dia, o mesmo.

Desde já o prevenimos: para o conseguir terá de lutar muito. E por um motivo: a educação que o povo portuguez tem recebido contrariará a sua obra, como tem contrariado a nossa. Só com tempo, vagar e persistencia, se conseguirá fazê-lo abandonar as predilecções e gostos antigos.

E' esta uma tarefa difficil a cuja realisação a maior parte da imprensa se oppõe. Porque a ella nos dedicamos devotadamente, sentimos grande satisfação, quando surprehendemos ao nosso lado algum novo combatente, animado dos mesmos intuitos.

Bemvindo seja, pois, o *Noticias de Cantanhede*.

costumava succeder a miúdo, tendo de janeiro a dezembro pouco menos anniversarios natalicios do que o anno tem de mezes!

Margarida recebeu Pedrinho com um olhar e um sorriso; sorriso de esperança, e um olhar de promessa: estendeu-lhe uma bonita mão, que elle beijou, e offereceu-lhe ao seu lado um lugar, que uma vista dos seus olhos parecera implorar-lhe.

D'ali a um instante todavia, oh! Deus piedoso! Elle olhou petrificado e attonito a sua heroína adorada, sem já lhe ouvir a voz com que o tinha encantado, nem lhe avistar o ardente olhar que o seduzira! Era uma voz aspera, era um olhar embaciado! E nem os mais leves traços d'aquella physionomia captiva-

—Por lapso não demos no ultimo numero a noticia de haver entrado no 59.º anno da sua publicação o nosso presado collega *Campêo das Províncias*, o jornal mais antigo do paiz, depois da *Nação*.

Fazêmo-lo hoje, cumprimentando-o affectuosamente.

—Recebemos o *Lafões*, semanario de Oliveira de Frades, que entrou já no 9.º anno.

Agradecemos a gentileza, e com muito prazer vamos estabelecer a permuta.

Correspondencia de Ouca—Do sr. padre Antonio Alves recebemos a seguinte carta:

... Sr. Redactor do «Correio do Vouga»:

Por um cavalheiro que se julga visado e offendido nas correspondencias d'esta localidade para o mui conceituado jornal de V. Ex.ª, foi attribuida á minha humilde pessoa a paternidade d'essas correspondencias. Desejando sómente assumir a responsabilidade dos meus actos, venho rogar a V. Ex.ª a fineza de declarar se sou eu o auctor ou se já alguma vez escrevi no *Correio do Vouga* desde o seu reaparecimento.

Por essa declaração desde já se confessa muito grato o

Ouca, 2-3-910

De V. Ex.ª
attento venerador,
Padre Antonio Alves.

Declaramos que o sr. padre Antonio Alves não voltou a escrever neste jornal desde o seu reaparecimento. Não é elle, pois, o auctor das correspondencias de Ouca que, segundo parece, não passam despercebidas. Até alguém se julga visado e offendido nellas, conforme nos communica o sr. padre Alves.

Deve ter vindo, decerto, a offensa, na ultima; d'outro modo, visto que estiveram interrompidas durante mezes, o visado e offendido já teria apparecido a reclamar.

Sendo assim, e não deve ser outra coisa, muito desejaríamos que o offendido se nos dirigisse, a dizer as suas razões.

Desde já, pômos ao seu dispor as modestas columnas d'este semanario.

Ficamos á espera, cheio de interesse e curiosidade, pois por mais voltas que demos á referida correspondencia não lhe descobrimos nem uma palavra que possa envolver offensa para alguém.

Mas, ás vezes...

Lyceu d'Aveiro.—Os professores d'este lyceu, reunidos em conselho, deliberaram requerer uma syndicancia, em virtude da companhia que alguns jornaes levantaram contra aquelle estabelecimento de ensino.

dora lhe appareciam senão desfigurados, extinctos, perdidos...

Nem brilho nem pelle, nem luz nos olhos, nem côr nos labios!

Que fizera dos gestos rasgados e sublimes com que acompanhava as palavras? Que fizera mesmo das inflexões suavissimas, que lhe matizavam cada phrase? Que havia feito da graça, do gesto, da belleza da Margarida da scena, esta Margarida da orgia, cujo halito accusava o abuso dos licores, e de que até o olhar revelava os extravios da impureza?

A ceia tinha todo o aspecto de uma ruim festa. Pedrinho nunca vira coisa mais feia, do que gente grosseira a comer.

—Como seríamos felizes, disse

Instrucção Primaria.

—Na sua sessão de quarta-feira o concelho superior de instrucção publica approvou pareceres favoraveis á promoção á 1.ª classe da sr.ª D. Maria Fontes Alla, distincta professora em Salreu (Estarreja), e á creação de logares de ajudantes na escola masculina de Mamarosa (Oliveira d'Azemeis) e feminina de Caria (Aveiro).

—Está a concurso um dos logares de professora na escola Central de Vera-Cruz, vago em virtude do pedido de exoneração da sr.ª D. Alda Fernandes Pereira.

Desastre.—Cahiú, num dos ultimos dias, d'um carro de bois, partindo uma das pernas, o nosso conterraneo sr. José Vaia cujas melhoras desejamos.

Dr. Jayme Lima.—O Porto, publicou no seu numero de domingo o retrato do illustre aveirense sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, que foi convidado para collaborar naquella importante diario.

Achamos justissima a homenagem do Porto porque o sr. dr. Jayme Lima, é digno de admiração e respeito pelas suas notaveis faculdades de escriptor e raras qualidades de character.

A ella nos associamos muito affectuosamente.

Nomeação.—Chega-nos a noticia de que foi collocado na Companhia de Emigração o nosso amigo e conterraneo sr. Afro Dias Morgado que ha alguns annos se encontra em Lourenço Marques (Africa Oriental).

Enviando-lhe sinceras felicitações, aproveitamos a occasião para significar-lhe o nosso mais vivo desejo de que, ao regressar, um dia, a Portugal, venha feliz.

Aos nossos collaboradores.—Por ter chegado tarde ao nosso poder é-nos absolutamente impossivel publicar neste n.º uma carta do nosso presado assignante sr. Ferreira Garro.

—Tambem, por falta de espaço, nos vemos obrigados a deixar para o proximo numero a continuação do artigo *Modos de Ver*, do sr. P. B.

NOTICIAS PESSOAES

Anniversarios

Pelo seu anniversario natalicio, que passou hontem, felicitamos o nosso amigo sr. Joaquim Gomes d'Almeida e Silva, digno director do Collegio de Nossa Senhora da Victoria, do Porto.

um dos convivas a Margarida, se este Porto fosse tão secco como o teu coração!

A rapariga riu-se. Era estupidez? era bondade? O bem e o mal tocam-se de tão perto, que é impossivel saber onde acaba um, e onde principia o outro.

—Dize mais! retrucou ella. Todos nós sabemos que é uma condição do teu character, não abrires a bocca—quer para fallar, quer para beber—senão... á custa d'alguem!

Eram d'estas as galanterias, que ali se trocavam, e a sociedade parecia divertir-se assim. Propoz-se uma saude a Pedrinho, e aos seus amores. Todos os olhos se fixaram em Margarida.

—E' inutil! redarguiu elle. Se

Estadas

Estiveram, ultimamente, em Aveiro, os nossos amigos srs. Dr. Florindo Nunes da Silva, Avelino Dias de Figueiredo e Dr. José Rodrigues Sobreiro.

Doentes

Passa incommodado o nosso presado amigo sr. P.º Manuel Ferreira Pinto de Sousa, digno e illustrado arcypriste d'Aveiro.

Esteve no Porto, na sexta-feira o nosso presado amigo sr. Eduardo d'Oliveira Barbosa.

Partidas e chegadas

Retiraram para o Estoril os nossos amigos e conterraneos srs. Viriato Moreira Longo e Innocencio Coelho de Magalhães.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 2

Na flôr da idade, pois contava apenas 14 annos, falleceu, ha dias, a menina Carmen da Conceição Marques, dilecta filha do sr. Francisco Marques, dignissimo fiscal da Companhia de Panificação Lisbonense.

O funeral da desditosa menina foi muito concorrido, incorporando-se no prestito o pessoal da referida companhia e muitos dos amigos do sr. Marques.

Sobre o feretro foram depositadas algumas coroas, entre ellas uma offerecida pelo pessoal da companhia em que o sr. Marques é empregado.

A toda a familia enluctada, apresentamos sinceras condolencias.

—Deu-nos o prazer da sua visita, o sr. José Joaquim da Costa, digno empregado da Companhia de Assucar de Moçambique.

—Estiveram nesta cidade, vindos de Thomar, os srs. Manuel Simões Serralheiro e Manuel Duarte, digno proprietario do conceituado Hotel Central, de aquella cidade.

Os srs. Serralheiro e Duarte foram muito bem recebidos pelos numerosos amigos que contam na capital, offerecendo-lhes alguns um esplendido almoço em casa do sr. Manuel da Costa Jerego, a que assistiram, alem d'este, os srs. Joaquim Nunes Baeta Junior, Antonio Duarte Correia de Mello e quem escreve estas linhas.

—Os jornaes da capital, em correspondencia d'Aveiro, dão hoje a noticia de haver sido condemnado o *Povo de Aveiro*, num processo por injurias que lhe moveu o sr. dr. Eugenio Ribeiro, de Agueda.

Melicias.

Agueda, 4

Os trabalhos do caminho de ferro do Valle do Vouga estão por aqui muito adeantados.

Informam-me de que a machina deve ter chegado, ou chega amanhã, ao rio Vouga, perto de Jafafe.

D'aqui á Mourisca e desta localidade de Jafafe estão os trabalhos quasi concluidos.

Calcula-se que, dentro em quatro mezes, Agueda esteja ligada a Espinho.

—Tem chegado muita mobilia para o Hospital-Asylo Conde de Sucena, obra do benemerito titular que o paiz inteiro admira e Agueda venera.

Consta-nos que será inaugurado brevemente.

—Realisa-se aqui, no dia 13, a festividade dos Passos.

No dia 12, ás 7 horas da noite, levar-se-ha prociionalmente a imagem do Senhor para o visinho logar de Assequins, cerimonia que costuma ser muito concorrida.

O trajecto entre esta villa e Assequins deve ser, nessa noite, d'um aspecto deslumbrante, pois todas as casas

não amo ninguém!

—Ninguém! disse a actriz, sorrindo, n'essa idade e com esses olhos não amar ninguém!

—Considero-me muito inferior para que aspire a ser amado como eu o sonho, e sinto-me muito altivo para aceitar o amor que me poderiam dar!

—Ah! ah! replicou a rapariga, numa gargalhada. Como é então preciso ser, para lhe agradar?

—Ter alma e ser bella!

—Duas coisas menos raras, exito eu no homem que me fizer a corte! redarguiu ainda Margarida em tom azedo, ferida no seu amor proprio. Contar vinte annos e ter bigode!...

Pedrinho fez-se corado. Era o

dos logares proximos estarão illuminadas, dizendo-se que no parque do nobre Conde de Sucena, haverá mais de cinco mil lumes, além d'alguns focos electricos.

No dia 13, haverá procissão e sermão do Entero e do Calvario.

Como nos annos anteriores, espera-se que venha assistir muita gente dos concelhos e logares proximos.

—Esteve no Porto o nobre Conde de Sucena que hontem regressou aqui. C

Coimbra, 3

Tem feito por aqui, como, afinal, por toda a parte, um inverno rigorosissimo.

Hoje, o dia apresenta-se de melhor aspecto: um lindo sol convida a sair para os campos, a gosar a deliciosa paisagem dos arredores d'esta antiga, mas sempre nova, Coimbra.

—Devem começar, brevemente, os trabalhos da tracção electrica.

—Veio advogar ao tribunal desta comarca o notavel caudidico sr. dr. Affonso Costa, cujo constituinte, accusado do crime de assassinato, foi absolvido.

No fim da audiencia, que durou até á 1 h. da madrugada d'hoje, o sr. dr. Affonso Costa foi alvo de calorosas saudações por parte de grande numero de populares que o esperavam á porta do tribunal.—J. U.

Alquerubim, 2

A maior parte das estradas do districto, com excepção d'Arouca e Paiva, estão impossiveis para se transitar por ellas.

O seu estado já era deploravel, mas com as chuvas e temporas que tem feito, tornaram-se intransitaveis.

Só para os reparos mais urgentes determinados pelos temporas são precisos—24:274:055 reis—que o ex.º e meretissimo director das obras publicas já requisitou em 16 de fevereiro ultimo mas até hoje o ex.º Ministro ainda nada deu, apesar do transito se achar interrompido em alguns pontos.

Ao muito nobre Governador Civil d'este districto que tanto se interessa pelos seus melhoramentos, rogamos se digne interceder com a sua muito valiosa influencia perante o ex.º Ministro para que este attenda a necessidade tão urgente como é a da viação estar ao menos rasoavel, quando não seja boa. De toda a parte só se ouvem clamores sobre um tão deploravel estado das estradas. C

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officias d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte	163\$150
Manoel Ferreira Barbosa	1\$300
João Marques Graça Junior	1\$300
Clemente Ferreira das Neves	1\$300
Somma	167\$050

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

adoravel pudor dos quinze annos, que o arguia de ainda não ter barba! Tambem, para que fôra elle ali! se por mais que quizesse corromper a sua consciencia, ella podia absolvelo em voz alta, mas tinha de o condemnar baixinho!... Sentia-se só, coitado d'elle, e a solidão mais terrivel, é a que, ao entrar da vida; se encontra no centro da sociedade! Margarida tentou reconcilia-lo, e estendeu-lhe a mão, que elle repelliu phrenetico com uma expressão de colera indomavel.

(Continúa)

Julio Cesar Machado.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfasiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
GOMES DE CARVALHO, Editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição
franceza por

HELIDORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarização, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fór a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis



LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar Modelos aperfeçoados de: Carteiros, Caixas metricas, Contadores etc. Esferas terrestres e armillares. Museu escolar e Mappas Geographics.

Preços muitos reduzidos

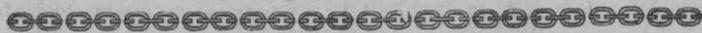
Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350



GRAMMATICA ELEMENTAR

DA
LINGUA PORTUGUEZAPARA
USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR
ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucción primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucción Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . 100 réis

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).



A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.



A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2300 réis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100



PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semnario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
« —semestre 600
Africa —anno 1\$500
razil —anno—(moeda forte) 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . 10 réis
Communicados, cada linha. . . 20 »
—
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Em.º Inr.